

Ecologia une Ciência à tradição indígena

Fotos de Claudio Rossi

FANNY ZYGBAND

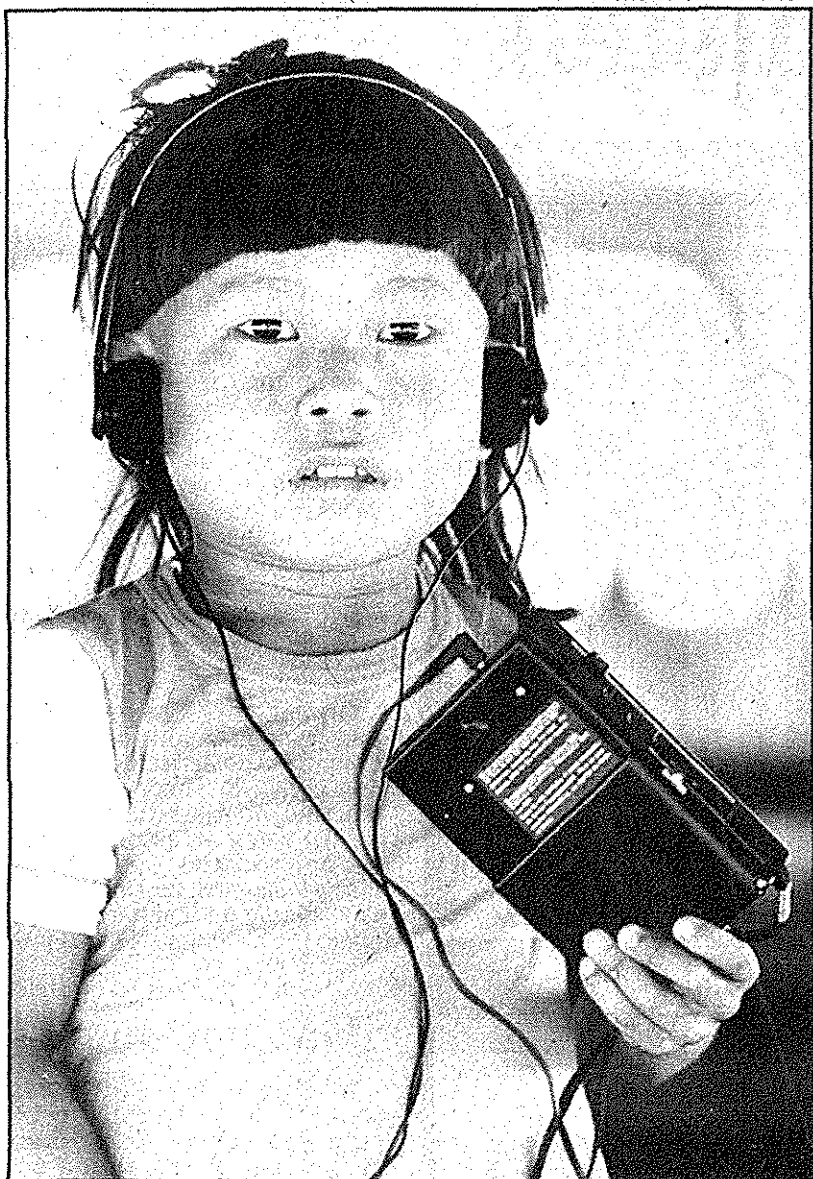
PIMENTEL BARBOSA (MT) — Ilhados entre extensas fazendas de gado e de produção agrícola e cercados por áreas degradadas pelo desmatamento, queimadas e uso intensivo de agrotóxicos, os 250 índios xavantes da aldeia de Pimentel Barbosa (MT) encontraram na sofisticada tecnologia desenvolvida pelos brancos a fórmula para lutar contra a devastação promovida em suas terras pelos próprios brancos.

Impossibilitados pelos limites da reserva de adotar a estratégia milenar de seus ancestrais — que trocavam a aldeia de lugar quando a terra dava sinais de exaustão, deixando para a própria natureza a lenta tarefa de "curar" a área abandonada —, os xavantes decidiram cruzar as fronteiras de seu território e buscar ajuda nas instituições científicas de São Paulo, Brasília, Goiás e Porto Alegre.

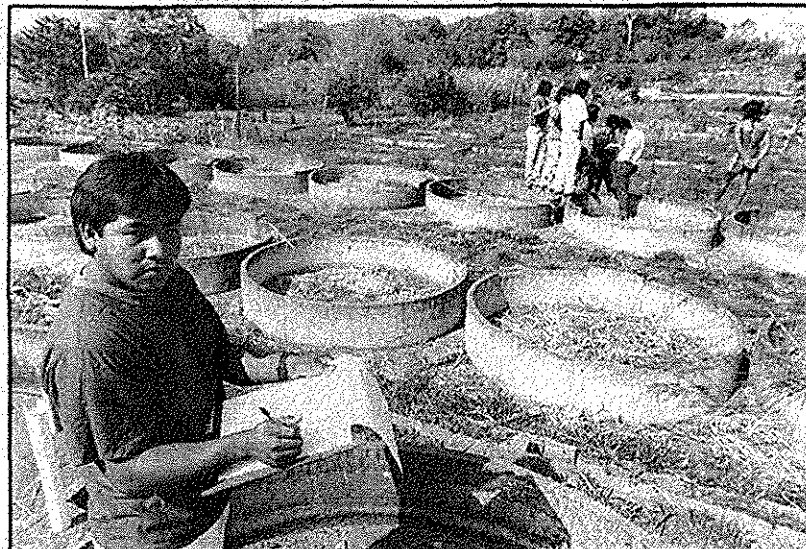
Em convênio com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), os xavantes de Pimentel Barbosa obtiveram um mapeamento detalhado da área da reserva e do entorno feito pelo satélite Landsat. O trabalho de interpretação das imagens levará cerca de um mês e servirá para o diagnóstico e a identificação da vegetação, apontando as prioridades para a recuperação.

Na Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (USP), os índios conseguiram tecnologia para criar animais em cativeiro, uma alternativa que ainda está em análise na aldeia. Os problemas da escassez de caça estão sendo identificados com a ajuda de um biólogo holandês, especializado em animais selvagens. E, através da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), os xavantes estão aprendendo a produzir mudas e espécies nativas do cerrado.

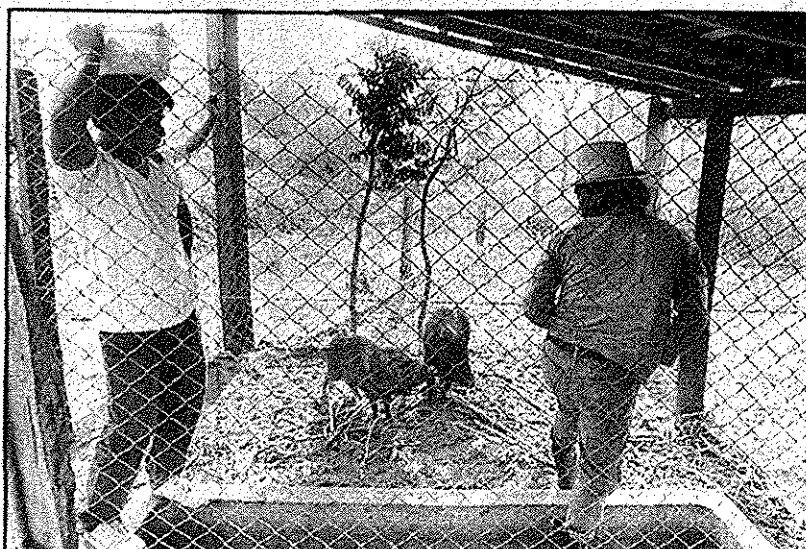
— Antigamente, fazíamos um manejo natural da terra. Hoje, dentro da reserva, esse processo não funciona, porque leva no mínimo 10 anos. Nossa sobrevivência depende da aceleração desse trabalho de recuperação e apenas o conhecimento de nossos antepassados não é mais suficiente para enfrentar a velocidade da degradação — explica o Presidente da Associação dos Xavantes de Pimentel Barbosa e um dos líderes da comunidade, Cipassé Xavante.



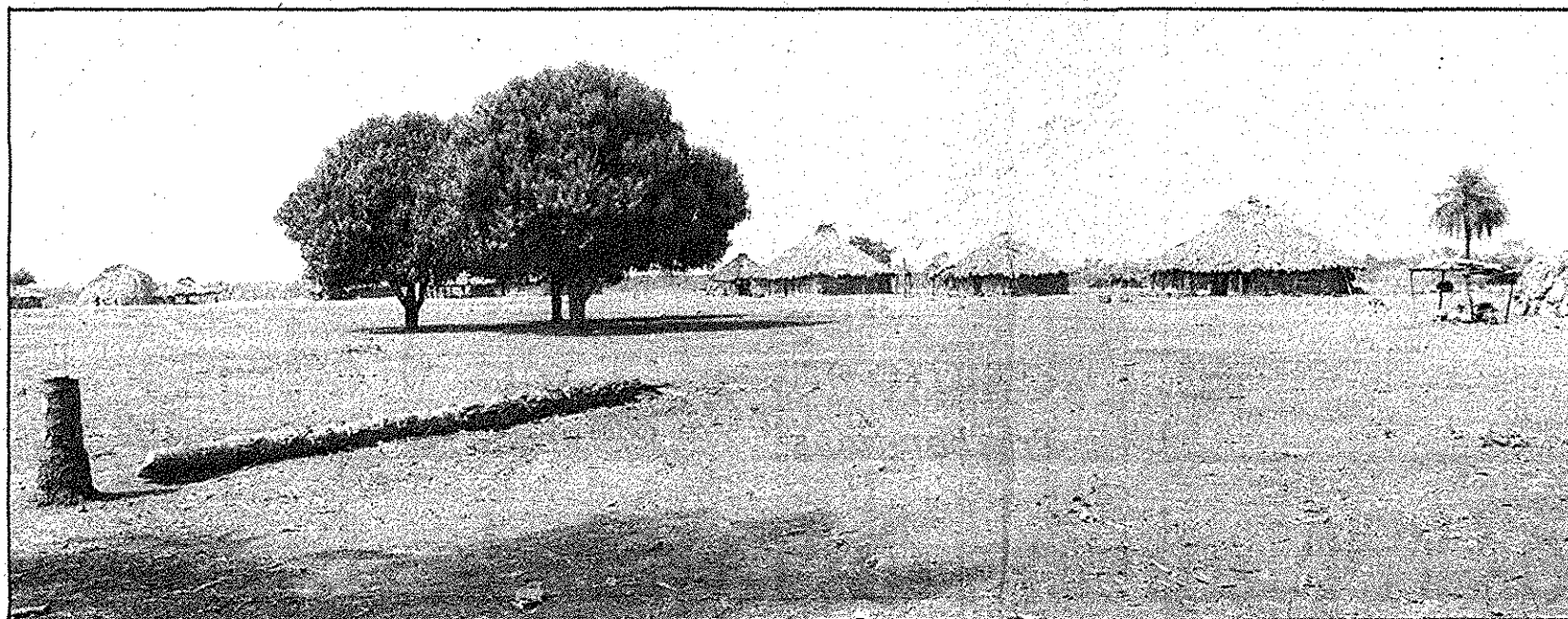
O pequeno xavante brinca com um walk-man: modernidade versus tradição



O aprendizado de novas técnicas agrícolas vai permitir recuperar o solo



A criação de porcos-do-mato em cativeiro é uma alternativa à falta de caça



Pimentel Barbosa ocupa, com mais duas aldeias, uma reserva de 350 quilômetros quadrados, área duas vezes maior do que a capital de Sergipe, Aracaju

Jovens modificam antigos costumes

PIMENTEL BARBOSA (MT) — O contato com os brancos e a demarcação do território dos índios xavantes em reserva que provocou uma profunda mudança nos hábitos desse povo tradicionalmente nômade não trouxe apenas poluição e devastação. Os costumes mais arraigados da comunidade começam a se revestir de uma nova roupagem, principalmente entre os jovens.

Ao contrário de seus antepassados, que costumavam se embrenhar por vários dias na floresta em busca de caça, os jovens xavantes só se deslocam para os locais de caçadas a bordo de uma caminhonete Toyota ou de um caminhão.

Para a preocupação dos velhos — um dos principais eelos na cadeia de transmissão do conhecimento xavante para as novas gerações —, os índios jovens também já não são caçadores tão exímios como seus ancestrais. Já não têm olhos, por exemplo, para ver com tanta perspicácia sinais sutis deixados na mata pela passagem de um animal.

Mas aos olhos apurados dos velhos, como Tseredzami, o segundo mais idoso da aldeia, não escapa o significado mais profundo desse fato: os xavantes estão deixando de fazer bem aquilo que é mais fundamental em sua cultura: a habilidade para caçar.

Projeto será levado para outras tribos

PIMENTEL BARBOSA (MT) — O projeto de recuperação de áreas indígenas nascido sob inspiração xavante será estendido para sete outras tribos — kaingang (RS), pankararu (PE), terena (MS), krenak (MG), surui (RO), ianomâmi (RR) e tikuna (AM) — e pretende se tornar uma alternativa de subsistência para as comunidades.

No caso dos xavantes da aldeia de Pimentel Barbosa (MT), o projeto prevê a comercialização das frutas e a viabilização dessa estratégia como fonte de recursos para a comunidade.

Até o final desse ano, os xavantes esperam a partir da coleta do baru (fruta nativa do cerrado) exportar para a Alemanha 1,6 mil quilos de castanha e 800 quilos de polpa. O contrato foi firmado com uma instituição assistencial alemã, dedicada às crianças pobres.

Segundo o Presidente da União das Nações Indígenas (UNI), Ailton Krenak, terminada a fase inicial de implantação do projeto xavante, os índios pretendem apresentá-la ao Governo como uma proposta de desenvolvimento sustentável.

Krenak espera que, a partir dessa tecnologia de manejo sustentado, o Governo possa criar núcleos regionais de recuperação ambiental. Ele acredita que a experiência poderá ser usada como orientação para pequenos agricultores e povos da floresta.

— Estamos provando que, mesmo sem todos os recursos públicos e incentivos aplicados no cerrado, uma comunidade frágil pode obter sucesso na recuperação de áreas degradadas — diz Krenak.

Velhos querem preservar cultura xavante Tecnologia do 'branco' ajuda a recuperar aldeia

PIMENTEL BARBOSA (MT) — Um dos núcleos indígenas mais preocupados com a preservação de suas tradições culturais, a aldeia de Pimentel Barbosa ocupa, junto com outras duas aldeias de 600 xavantes, uma reserva de 350 quilômetros quadrados — área duas vezes maior do que Aracaju (SE) — encravada no cerrado, entre o Rio das Mortes e a Serra do Roncador.

Embora vistam-se como os brancos e sofram influência do contato, os índios de Pimentel Barbosa moram, como seus antepassados, em palhoças cobertas por folhas de palmeiras (ao todo são 32 casas), não têm energia elétrica e são rigorosos na transmissão do conhecimento xavante para os jovens.

Os primeiros sinais de que a terra estava enferma foram cap-

tados pelos velhos da aldeia e interpretados como mais uma ameaça à sobrevivência da tribo. Caçadores por tradição, os xavantes perceberam que tinham que se deslocar cada vez mais longe para obter comida.

— Não pretendemos virar fazendeiros, como a Fundação Nacional do Índio (Funai) tentou. O que queremos é garantir essa área e os nossos costumes — afirmou Wazae, outro líder.

A primeira providência foi selecionar xavantes jovens para estudar o mundo dos brancos nas universidades. Em seguida, eles procuraram especialistas em recuperação ambiental para formulação de uma tecnologia, que fosse eficaz contra a degradação e compatível com as técnicas de manejo dos xavantes.

PIMENTEL BARBOSA (MT) — O programa de recuperação das terras da aldeia xavante de Pimentel Barbosa será implantado inicialmente em uma área de 22 quilômetros quadrados. Ali, situam-se antigas fazendas de gado, conquistadas pelos xavantes em guerra no início da década de 80 e incorporadas posteriormente à tribo na demarcação feita pelo Governo.

O suporte tecnológico para a realização do programa foi todo avaliado no Centro de Pesquisas Indígenas (CPI) em Goiânia — braço técnico-científico da União das Nações Indígenas (UNI), a principal entidade indígena. Como um laboratório, o CPI tem testado em campo em pequena escala a tecnologia que será transferida para as aldeias.

Segundo o diretor do programa e coordenador do CPI, Vanderlei de Castro, para que esse estágio fosse atingido, os xavantes fizeram convênios com cinco instituições: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP, Universidade Católica de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Fundação Gaia (Porto Alegre) e Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados da Embrapa.

A partir de novembro, os xavantes começarão a implantar em Pimentel Barbosa três viveiros-piloto, no qual serão cultivadas cerca de 45 mil mudas de espécies nativas do cerrado. Uma outra área será reservada à implantação das chamadas roças cineréticas, destinadas ao suprimento alimentar de animais,

como forma de atrair a caça para as proximidades da aldeia.

A preocupação com a extinção da caça, a principal base alimentar dos xavantes, é tão grande que eles contrataram um especialista para fazer um diagnóstico da situação e apontar soluções. Uma delas já está sendo adotada: a proibição da caça por três anos nas áreas mais próximas à aldeia, onde a escassez de animais é mais visível.

Os xavantes também estão aprendendo a criar em cativeiro as sete espécies de animais mais frequentes no cardápio da tribo: anta, capivara, paca, cotia, veado mateiro, cateto e queixada. A idéia é passar do cativeiro para o semi-cativeiro, até que a terceira geração desses animais possa ser devolvida às matas.